Das Expectativas de Mercado e Indicadores Econômicos

1 - Conjuntura Internacional

a) Estados Unidos:

Das Expectativas de Mercado e Indicadores Econômicos

1 - Conjuntura Internacional

a) Estados Unidos:

O começo de 2022 segue promissor para o mercado de trabalho norte americano. Após uma expressiva criação líquida de 750 mil vagas em fevereiro (dado já revisado), a economia do país gerou mais 431 mil novos empregos em março, segundo informou o Departamento de Trabalho em seu relatório mensal de emprego (payroll). Mesmo tendo desacelerado frente ao mês anterior e ter ficado levemente abaixo das expectativas de mercado, que indicavam uma criação próxima a 490 mil vagas, o desempenho foi novamente robusto em março, gerando ganhos o suficiente para provocar nova alta dos salários e reduzir a taxa de desemprego de 3,8% para 3,6%, menor patamar desde fevereiro de 2020. Nesse sentido, registra-se que vários indicadores relativos ao mercado de trabalho já estão próximos dos níveis pré-pandemia, tais como o total de vagas ocupadas e os quantitativos totais de desempregados e de desempregados permanentes. Em março, os principais setores responsáveis pelo aumento as contratações forame lazer e hospitalidade, serviços profissionais e de negócios, varejo e manufatura. O crescimento acumulado no primeiro trimestre do ano sinaliza a sustentabilidade da economia americana, com o mercado de trabalho mantendo-se em expansão em meio a um maior aperto da politica monetária. Conforme já era esperado, após manter a taxa de juros do país próxima do zero por mais de três anos, o FED elevou o intervalo do indicador em 0,25% no começo de março. A resiliência já demonstrada pela inflação ganhou contornos ainda maiores a partir da guerra entre Rússia e Ucrânia, na medida em que os preços dos insumos voltaram a crescer em termos globais. Por outro lado, o continuo declínio das contaminações por COVID seguiu incentivando o fim das restrições no país, elevando a demanda por mão de obra e, por conseguinte, dos salários médios ofertados. Em março, o rendimento médio por hora trabalhada aumentou 0,4%, elevando a taxa anual de 5,2% para 5,6% frente a fevereiro. Por conseguinte, novos aumentos de juros são esperados no decorrer de 2022, com a ata da última reunião do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) sinalizando novo acréscimo de 0,5 ponto percentual já a partir do mês de maio, projetando-se uma taxa de 3,5% ao ano até o final do ciclo de alta do indicador.

b) <u>Zona do Euro e China</u>:

Impulsionado pela crise geopolítica do leste Europeu, O Índice de Preços ao Consumidor (CPI) da Zona do Euro voltou a bater recorde em março, acelerando frente a fevereiro (5,9%) e subindo 7,5% em termos anualizados, maior alta do indicador desde o início de sua série histórica, segundo informou a agência de estatísticas europeia – EUROSTAT. Este foi o décimo mês consecutivo que se registra alta na inflação, com a variação efetivada no período sendo puxada principalmente pelas

tarifas de energia, que subiram em média 44,7% ao ano na comparação com o mês anterior. Registra-se que além de ser o terceiro maior produtor de petróleo do mundo, a Rússia também é o principal fornecedor de gás natural da Europa, respondendo por aproximadamente 40% do total consumido na região, o que por si só denota o impacto da guerra sobre o CPI. As reiteradas altas inflacionárias seguem pressionado o BCE para que aperte sua política monetária, uma vez que a meta originalmente estipulada de 2% ao ano já foi superada com folga em 2022.

O PMI oficial da indústria chinesa recuou em março, caindo de 50,2 para 49,5 pontos, ou seja, ficando abaixo da linha dos 50 pontos que indica retração da atividade econômica, segundo informou o Escritório Nacional de Estatísticas (ENS). No mesmo sentido, o índice calculado pelo Caixin/Markit, voltado às pequenas e médias empresas do setor privado do país, também indicou contração de PIB, caindo para o menor nível ao longo dos últimos dois anos (48,1 pontos). Além da diminuição da demanda, também houve redução da oferta, com esta última sendo motivada tanto pelo aumento dos custos dos insumos como pelas paralisações decorrentes das novas medidas de distanciamento social adotadas pelo governo chinês. Especificamente no que se refere ao aumento dos casos da variante Ômicron na China, registra-se que o PMI de serviços foi fortemente atingido no período, com a redução da mobilidade implicando uma queda do PMI de 50,2 para 42 pontos no intervalo dos últimos dois meses.

2 – Cenário Doméstico

a) <u>PIB e Crescimento Econômico</u>:

Em março, o Bacen divulgou o Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) relativo a janeiro, que recuou 0,99% na comparação com dezembro de 2021, passando de 139,86 (dado já revisado) para 138,48 pontos na série dessazonalizada. Conhecido como uma prévia do PIB oficial do país, essa foi a primeira queda após três meses consecutivos registrando alta, interrompendo a recuperação do indicador e já sinalizando o tímido crescimento previsto para o corrente exercício. No acumulado dos últimos 12 meses, o IBC-Br segue no campo positivo, avançando 4,75%, enquanto na comparação com janeiro do ano passado (sem ajustes sazonais) a expansão foi de apenas 0,01%. Já no que tange às comparações trimestrais, pelo critério da média móvel, houve queda de 0,07% no trimestre encerrado em janeiro frente os três meses imediatamente anteriores (série com ajustes sazonais). Dentre os fatores que inibiram o crescimento no primeiro mês do ano destacam-se os gargalos de oferta, ocorrendo recuos tanto na produção industrial como no volume de serviços; as medidas de combate a variante Ômicron e a alta taxa de juros vigente, que somada à inflação restringe o consumo das famílias, um dos principais pilares do crescimento econômico registrado entre os anos de 2004 a 2008. No que tange às previsões de PIB para 2022, o crescimento esperado segue desanimador, com a última Pesquisa Focus indicando uma expansão da atividade econômica de apenas 0,5%. Para os anos seguintes as projeções também seguem aquém das necessidade do país, projetando-se respectivas expansões de 1,3% e de 2% para os anos de 2023 e 2024.

b) <u>Balança Comercial</u>:

A balança comercial brasileira voltou a registrar recorde em março, atingindo o melhor resultado para esse mês desde o início de sua série histórica, correspondendo a um superávit de US$ 7,383 bilhões, segundo informou o Ministério da Economia. Embaladas pela valorização das commodities no cenário internacional, as exportações subiram 25% em relação a idêntico período de 2021, totalizando US$ 29,095 bilhões. Além da crise de insumos provocada pela guerra entre Rússia e

Ucrânia, a estabilidade registrada em algumas safras, em especial da soja, também contribuiu com o bom desempenho verificado em março. O efeito das commodities pode ser mais bem compreendido por intermédio da comparação entre as variações de preço e quantidades embarcadas no período. Tomando-se como exemplo o setor agropecuário, observa-se que em termos de volume embarcado houve queda de 4,5% frente a março do ano passado, contudo, ocorrendo um aumento de preços superior a 33% na mesma base comparativa. Pelo lado das importações, a alta foi 27,1%, totalizando US$ 21,711 bilhões. Em relação às aquisições brasileiras as maiores altas foram registradas pelas importações de óleo bruto e petróleos (221,1%), fertilizantes químicos (132,6%), pescados (114,3%) e carvão não aglomerado (111,7%). No primeiro trimestre do ano a balança comercial brasileira já acumula um saldo positivo US$ 11,313 bilhões, sendo previsto um superávit total para o corrente exercício superior a US$ 65 bilhões, conforme projeção divulgada na última Pesquisa Focus.

c) Inflação:

A inflação brasileira voltou a acelerar de maneira significativa em março, com o IPCA variando positivamente 1,62% frente o 1,01% do mês anterior, segundo informou o IBGE. Referido resultado superou as expectativas do mercado, que oscilavam próximas a 1,3%, consistindo na maior alta para um mês de março desde 1994, período que antecedeu a implementação do plano Real. No primeiro trimestre do ano e no acumulado dos últimos doze meses o IPCA já registra respectivas altas de 3,2% e de 11,3%. No geral, oito dos nove grupos pesquisados pelo IBGE tiveram alta em março, com destaque mais uma vez para o grupo Transportes, que variou 3,02% e exerceu a maior contribuição sobre o indicador mensal (0,65 p.p.). Repetindo a tônica dos últimos meses, os combustíveis puxaram a alta do grupo, em especial a gasolina, cujos preços subiram em média 6,95% no período. Diretamente vinculadas aos preços dos combustíveis, também se destacam as altas registradas no transporte público e por aplicativos, que subiram respectivamente 7,98% e 1,27% em março. Soma-se a isso a nova alta de preço dos veículos novos, cuja falta de insumos seguiu impactando o setor. Com efeito, também houve aumento nos preços dos veículos usados, nos serviços mecânicos e nos valores dos seguros automotivos. Em segundo lugar ficou o grupo Alimentação e Bebidas, que variou 2,42% e impactou o IPCA de março em 0,51 ponto percentual. Dentre os diversos itens alimentícios que registraram alta no período destacam-se as variações de preços do tomate (27,22%), da cenoura (31,47%), do leite longa vida (9,34%) e do óleo de soja (8,99%). Outro grupo que apresentou expressivo crescimento em março foi o Vestuário, cuja alta de 1,82% se deu em função de aumentos em todos os itens que compõem essa categoria. A retomada das atividades presenciais em maior escala fomentou a demanda e, por conseguinte, os preços das roupas, dos acessórios e dos calçados. Por fim, também cabe registrar o comportamento do grupo Habitação, que puxado pela alta dos preços médios do gás de botijão (6,57%) e da energia elétrica (1,08%), subiu 1,15% no último mês. O resultado consolidado em março já vinha repercutindo nas recentes pesquisas Focus, cuja ultima publicação mensal havia elevado as projeções do IPCA de 5,6% para 6,86% em 2022. Destaca-se que também houve alta nas estimativas para o biênio 2023/2024.

ÍNDICE	VARIAÇÃO %		
	MAR	2022	12M
IPCA	+1,62	+3,20	+11,30
INPC	+1,71	+3,42	+11,73

FONTE: IBGE

d) <u>Fluxo Cambial</u>:

Em virtude da greve dos servidores do BACEN, os dados relativos ao fluxo cambial de março foram divulgados apenas até o dia 18, sendo contabilizado até referida data um superávit de US$ 1,612 bilhões. Nas primeiras três semanas de março a conta comercial, que envolve as operações de câmbio relacionadas às importações e exportações, voltou a registrar superávit, acumulando um excedente de US$ 3,619 bilhões. Importante destacar que nas exportações estão incluídos US$ 2,517 bilhões em Adiantamentos de Contratos de Câmbio (ACC), US$ 2,662 bilhões em Pagamentos

Antecipados (PA) e US$ 8,889 bilhões em outras entradas. Por sua vez, o segmento financeiro, que inclui investimento em títulos, remessas de lucros e dividendos ao exterior, registrou uma saída líquida de recursos da ordem de US$ 2,007 bilhões. Apesar da parcial negativa registrada até o dia 18, acredita-se que o segmento financeiro tenha encerrado no mínimo próximo do azul, uma vez que o dólar fechou março perfazendo uma significativa queda de 7,7%, cotado a R$ 4,75. Assim como nos meses anteriores, registra-se que o investidor estrangeiro seguiu aportando com força na bolsa brasileira, ocorrendo um ingresso líquido de recursos superior a R$ 21 bilhões no período. No acumulado do ano o saldo do fluxo cambial segue positivo, correspondendo a um superávit de US$ 9,446 bilhões.

e) Taxa Selic:

Confirmando as expectativas do mercado, a última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), realizada entre os dias 15 e 16 de março, aumentou em 1 ponto percentual a taxa básica de juros do país, com a Selic passando de 10,75% para 11,75% ao ano. A decisão unânime tomada pelo colegiado novamente teve como objetivo refrear a inflação brasileira, cuja guerra entre Rússia e Ucrânia aumentou ainda mais a pressão sobre os preços ao consumidor, sobretudo dos combustíveis. Em ata, o COPOM indicou novo aumento de mesma magnitude para a próxima reunião agendada para maio, com o mercado já prevendo uma taxa Selic encerrando 2022 próxima de 13%. Esse foi o nono aumento consecutivo do indicador, que em março atingiu seu maior nível desde abril de 2017, quando estava à época em 12,25%. A resiliência inflacionária e a tendência de permanência do IPCA acima do teto da meta por um longo período seguem indicando o início de um ciclo de queda apenas a partir do segundo semestre de 2023, com a taxa terminando o próximo exercício em torno de 9% ao ano.

> *"...DECISÃO UNÂNIME TOMADA PELO COLEGIADO NOVAMENTE TEVE COMO OBJETIVO..."*

f) Renda Variável:

O Ibovespa, principal indicador da bolsa brasileira, voltou a perfazer ganho mensal em 2022, valorizando 6,06% em março e encerrando o período aos 119.999,23 pontos. No acumulado do ano, o indicador já registra alta de 15,47%, na contramão das principais bolsas do mundo. Em síntese, os fatores que corroboraram com o bom desempenho verificado nos meses de janeiro e fevereiro repetiram-se em março, com destaque para valorização das commodities, juros altos, o baixo preço das ações brasileiras e a significativa migração de recursos estrangeiros para o país. Nesse sentido, registra-se o impacto da guerra entre Rússia e Ucrânia na maior procura pela bolsa brasileira, sobretudo no que se refere à valorização das commodites e ao maior ingresso de capital estrangeiro no país, uma vez que o Brasil possui baixa exposição à crise vivenciada no leste europeu. No mês de março, os maiores ganhos dentre os papéis que compõem o índice Ibovespa ficaram por conta das ações da CVC (CVCB3; 32,99%), Cogna (COGN3; 25,22%), Qualicorp (QUAL3;24,65%), 3R Petroleum (RRRP3; 23,52%) e JHSF Participações (JHSF3; 22,37%). Pelo lado das quedas, os destaques negativos ficaram com os papéis da Embraer (EMBR3; -15%), Petrorio (PRIO3; -7,9%), Braskem (BRKM5; -7,2%), Fleury (FLRY3; -7%) e Azul (AZUL4; -5,4%).

g) Renda Fixa:

Em março, o segmento de renda fixa obteve seu melhor resultado mensal em 2022, com a carteira de títulos públicos marcada a mercado, refletida na trajetória do IMA-Geral, variando positivamente 1,57% no período. Diferentemente dos meses anteriores, os subíndices atrelados aos ativos de maior prazo foram aqueles que obtiveram os maiores ganhos em março, sobretudo os indexados à inflação. A ata da última reunião do COPOM indicando um possível fim do ciclo de alta dos juros após o novo aumento previsto para maio, acabou por valorizar as NTN-Bs já em circulação, com o subíndice IMA-B5+ registrando a maior variação mensal em 2022, perfazendo ganhos de 3,56%. O impacto dessa

informação junto ao mercado pode ser melhor visualizada a partir do comportamento diário do IMA-Geral. Até o dia 16 de março, data da decisão do COPOM, referido indicador acumulava queda de -0,11% no mês, passando para um aumento de 1,68% nas duas semanas seguintes à divulgação da ata. No mesmo sentido, o IRF-M1+, pré-fixado acima de um ano, saiu de uma queda de -1,72% até o dia 16 de março para uma variação positiva de 2,58% no período restante do mês, fechando o período com um ganho de 0,81%. No ano, a melhor performance é do IMA-B5, subíndice que espelha os rendimentos das NTN-Bs com prazos não superiores a 5 anos, acumulando uma variação positiva de 3,81%. Já no acumulado dos últimos 12 meses a liderança seguiu com o IMA-S (6,99%), cuja constante perspectiva de aumento dos juros fomentou seu desempenho ao longo dos últimos meses. Registra-se que referido indicador reflete o desempenho dos títulos públicos pós-fixados (LFTs) atrelados à Selic, consistindo em papéis de curtíssimo prazo.

"...MELHOR RESULTADO MENSAL EM 2022, COM A CARTEIRA DE TÍTULOS PÚBLICOS MARCADA A MERCADO..."

Nome	Retorno		Nome	Retorno	
	Março 2022	no ano		Março 2022	no ano
Prefixados			***Formado por TP indexado IPCA***		
IRF-M	0,84%	1,35%	IMA-B	3,07%	2,87%
IRF-M 1	0,89%	2,28%	IMA-B 5	2,61%	3,81%
IRF-M 1+	0,81%	0,79%	IMA-B 5+	3,56%	1,91%
Formado por Títulocs da Dív. Publ.			***DI***		
IMA Geral	1,57%	2,54%	CDI	0,92%	2,42%
Duração constante					
IDkA IPCA 2 Anos	2,54%	3,88%			

Referência Gestão e Risco

REFERÊNCIA
GESTÃO E RISCO